

Adorno e Marx: Dialética negativa e a Crítica da Economia Política

WERNER BONEFELD e CHRIS O’KANE (ED.)

London/New York: Bloomsbury, 2022. 263 p.

César Mortari Barreira*

O livro *Adorno and Marx: Negative Dialectics and the Critique of Political Economy*, organizado por Werner Bonefeld e Chris O’Kane, apresenta a recente história intelectual de um programa de pesquisa que compreende a crítica da economia política como uma teoria social crítica. Reunindo sucessivas gerações de estudiosos, esta abordagem possui quatro fontes principais: (i) a *Escola de Frankfurt*, notadamente os trabalhos de Adorno, Horkheimer e Marcuse; (ii) as análises sobre “forma social” apresentadas na *Conferência de Economistas Socialistas*, no Reino Unido, e sintetizadas nas publicações de Simon Clarke; (iii) a chamada *Nova Leitura de Marx*, cuja origem está associada aos trabalhos de alunos de Adorno – em especial, Hans-Georg Backhaus e Helmut Reichelt – que procuravam reconstruir a teoria marxiana, com especial atenção à teoria do valor; e, por fim, (iv) as contribuições da série *Open Marxism*, as quais tinham como objetivo libertar a crítica do capitalismo das sempre constantes tentativas de regulá-lo em favor da classe trabalhadora.

Isso significa que a concepção da crítica da economia política como uma teoria social crítica tem como fundamento a rejeição das teses – características do

* Diretor executivo do Instituto Norberto Bobbio. E-mail: csarmbarreira@gmail.com

marxismo tradicional – do primado das forças econômicas no desenvolvimento social e da compreensão da luta de classes como o motor do progresso histórico. Consequentemente, resta afastada a legitimação tanto dos Estados socialistas como do partido político enquanto veículo da revolução. Por isso mesmo, o arcabouço teórico dos autores do livro – mesmo na pluralidade de suas contribuições, como veremos – gira em torno do pensamento adorniano. Mas qual seria o sentido preciso desse retorno a Adorno?

Aqui reside o principal valor desta nova trajetória do marxismo: o afastamento da costumeira interpretação – inaugurada por Habermas, mas presente principalmente na literatura anglófona – de Adorno como (apenas) um crítico da cultura, do “mundo administrado” enquanto dominação da racionalidade instrumental, de tal modo que tais análises estariam desvinculadas das categorias centrais de *O capital*. Contra tal perspectiva, o livro defende o amálgama dessas temáticas à teoria da sociabilidade invertida. Em outros termos: menos *Dialética do esclarecimento*, mais *Dialética negativa*.

O livro é dividido em três partes: (I) Adorno e a nova leitura de Marx; (II) Crítica da economia política como dialética negativa da sociedade; e (III) Subjetividade e pseudo-prática. No capítulo de abertura da Parte I, Werner Bonefeld apresenta os argumentos que informam a tese da crítica da economia política como uma teoria social crítica. Seu objetivo é, em um primeiro momento, dissolver a aparência dogmática da sociedade – como se esta constituísse a manifestação de uma natureza econômica – e, logo após, sedimentar as bases para uma crítica das teorias normativas. A seguir, Nico Bobka e Dirk Braunstein examinam a leitura adorniana de Marx. Contrariamente ao discurso *mainstream* – segundo o qual Adorno não teria qualquer relação com a (assim chamada) economia –, os autores demonstram a presença marxiana em diversos momentos da trajetória adorniana, culminando nos cursos do início da década de 1960 e nos estudos sobre a dialética negativa, sem os quais a “nova leitura de Marx” jamais teria sido possível. Este é o tema investigado no artigo de Charlotte Baumann. Para a autora, Backhaus e Reichelt – os principais representantes da “nova leitura de Marx” – operam uma espécie de atrofiamento da contribuição adorniana. O foco no sentido lógico (conceitual) da sociedade, isto é, ao momento “idêntico” subjacente à socialização, teve como ponto cego as análises do “não idêntico”. Desse modo, priva-se a dialética negativa de seu próprio movimento e reforça-se a desconsideração do sofrimento das pessoas nas investigações sociais. Por fim, Chris O’Kane e Kirstin Munro defendem a importância de Moishe Postone na construção de uma teoria social crítica. A partir da atualização (e extensão) da crítica postoniana, os autores observam nas abordagens contemporâneas – advindas de representantes do socialismo democrático, da teoria da reprodução social e das teorias unitárias do capitalismo – argumentos trans-históricos que deformam a crítica da economia política em economia política crítica.

A Parte II também tem início com um artigo de Bonefeld, no qual apresenta a dialética negativa como uma dialética do mundo social na forma de um objeto econômico. Ainda que este seja governado por movimentos quantitativos, as abstrações econômicas compõem apenas o momento conceitual das categorias, revelando o segredo das mesmas: a vida real daqueles que são dominados por suas próprias ações. Fabian Arzuaga, por sua vez, recupera a tese adorniana da “liquidação do indivíduo” para demonstrar a atualidade do termo marxiano “população excedente”. Por meio de uma discussão dos recorrentes processos de “fungibilidade” e “superfluidez”, o autor compreende a emancipação como uma luta contra os mecanismos de validação do valor que caracterizam a dominação temporal do capital. Já Charles Prusik mobiliza o referencial teórico de Adorno para compreender a aparência ideológica do neoliberalismo enquanto ordem espontânea e autorregulada. Para tanto, o autor lê as teorias neoliberais – especialmente no caso de Hayek – pelos conceitos de troca, sociedade como segunda natureza e a abstração real. De modo semelhante, O’Kane oferece uma leitura adorniana do neoliberalismo, com destaque para os conceitos de totalidade negativa e catástrofe permanente enquanto mecanismos de recusa do progressismo democrático que procura reverter os processos derivados da crise de 2008.

A última parte do livro contém dois artigos dedicados às consequências dos argumentos apresentados para a práxis. No primeiro, Bonefeld investiga o que significa dizer “não” no âmbito da luta de classes. Contrariamente ao *mainstream* marxista, o autor vincula o antagonismo de classes ao conceito de capital, à conceitualidade da própria sociedade capitalista, para então retomar a pergunta pelo significado do “não” em meio às disputas políticas e econômicas. O último capítulo, de Marcel Stoetzler, propõe uma “atualização” de um texto de Adorno – “Notas marginais sobre teoria e práxis” – como estratégia de compreensão da pseudo-práxis na atualidade.

O livro ainda possui um Apêndice com dois textos: a transcrição (de autoria de Backhaus) de um seminário de Adorno, de 1962, intitulado “Marx e os conceitos fundamentais da teoria sociológica”, e um texto de introdução que procura contextualizá-lo. Neste, O’Kane enfatiza a importância da transcrição – originalmente publicada como um anexo do livro de Backhaus [*Dialética da forma-valor*], em 1997 – tanto para a “nova leitura de Marx”, como para a refutação dos discursos que convenientemente eliminam a presença marxiana em Adorno. A transcrição, por fim, é um documento precioso. Ela possibilita não apenas a vinculação da teoria social à crítica da economia política, mediante, por exemplo, a vinculação do estudo da gênese do processo de autonomização das formas sociais à teoria do mais-valor, como amplia o horizonte de pesquisa das análises marxistas que ainda estão por vir.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Virando o modo de produção do avesso

David Graeber

Trotsky sobre raça nos Estados Unidos

Christian Høgsbjerg

A teoria do imperialismo de Lênin

Pedro Mattos

Capitalismo: totalidade social e lutas de classe

Angelita Matos Souza

57